

ELEMENTOS DE ETNOGRAFIAS PATAXÓ: REFLEXÕES SOBRE REMOÇÃO, SOBREPOSIÇÃO E ALTERAÇÃO TERRITORIAL NO MONTE PASCOAL [1]

Estudante: Larissa Moreira Portugal [2]

Orientadora: Nicole Soares Pinto [3]

Introdução

Os Pataxó, povo de língua Macro-Jê, família linguística Maxakalí, estão em sua maioria localizados na região do Monte Pascoal, no Extremo-Sul da Bahia. Atualmente vivem em suas áreas de ocupação histórica por força de estratégias políticas fomentadas por lideranças e famílias Pataxó, quando no final da década de 1990, se articularam em grupos na retomada de suas terras que na ocasião já haviam sido englobadas pelo Parque Nacional do Monte Pascoal. Esse movimento político de retomada territorial possibilitou sobretudo, o retorno de famílias Pataxó outrora dispersas devido a conflitos com não-indígenas e a restituição de seus territórios. A presente pesquisa se dedica a refletir sobre as dinâmicas de des-territorialização a partir do “Fogo de 51” – um conflito armado entre forças governamentais e Povos Indígenas – e a criação do Parque Nacional do Monte Pascoal. A proposta se insere no campo mais amplo de reflexão do projeto “Vínculos com a Terra e a Cosmopolítica Indígena” da prof.^a Dra. Nicole Soares Pinto, visando estabelecer uma reflexão que submeta a teoria antropológica à crítica dos conceitos indígenas de viver e habitar na terra.

Objetivos

- Investigar os processos territoriais vividos pelos Pataxó tendo como pano de fundo dois acontecimentos: o Fogo de 51 (destruição da Aldeia Mãe/Barra Velha) e a criação do Parque Nacional do Monte Pascoal, uma Unidade de Conservação e Preservação Integral sobreposta ao território Pataxó.
- Compreensão dos conflitos socioambientais existentes em situações de sobreposição das Unidades de Conservação à territórios tradicionais.
- Pesquisa dos trabalhos etnográficos que tratam das retomadas de terra e da reconstituição linguística Pataxó.

Método

O método utilizado para este trabalho foi a revisão bibliográfica de parte das principais etnografias realizadas junto aos Pataxó, principalmente no âmbito do PINEB (Programa de Estudo dos Povos Indígenas no Nordeste)[4]. Buscamos também um estudo dos trabalhos dedicados aos problemas socioambientais inseridos nas situações de sobreposição entre Unidades de Conservação e territórios indígenas. Por fim, procuramos construir um diálogo com etnografias mais recentes (BONFIM, 2012; CARDOSO, 2016) realizadas entre os Pataxó no objetivo de elaborar uma reflexão crítica acerca dos processos territoriais na história da região do Monte Pascoal.

Discussões/Resultados

Consideramos que os processos de desterritorialização causados pelo Fogo de 51, a destruição de Barra Velha e a criação do Parque Nacional do Monte Pascoal, fizeram parte de um mesmo dispositivo de fragmentação territorial e início de um modelo não-indígena de gestão do território, codificado sobretudo pela máquina Estatal. No que tange ao Parque, consideramos que seu modelo de ultra-preservação fundado nos projetos de conservação neo-ocidental (Diegues, 2000) por vezes ignoram os regimes indígenas de co-existência junto a outros organismos não-humanos que vivem na terra. As retomadas territoriais/linguística Pataxó, por outro lado, evidenciam aquilo que a violência histórica e legitimada no Monte Pascoal nos últimos séculos não destruiu. Os Pataxó, mesmo que espoliados e sobrepostos por agentes em desacordo irreduzível com seus interesses, puderam se reinventar e reimaginar novos mundos em meio aos escombros. Suas socialidades se atualizam, se restituem e tomam forma política e existencial no desafio continuado que é ser indígena na sociedade brasileira e no Monte Pascoal.

Notas

[1] O presente trabalho foi desenvolvido no Programa Institucional de Iniciação Científica da Universidade Federal do Espírito Santo entre os meses de agosto de 2018 a julho de 2019.

[2] Estudante do curso de Ciências Sociais da Universidade Federal do Espírito Santo.

[3] Docente do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal do Espírito Santo.

[4] (Carvalho, 1977; Agostinho da Silva, 1980; Oliveira, 1985; Pacheco de Oliveira, 1998).

Referências Bibliográficas

AGOSTINHO DA SILVA, P. Bases para o estabelecimento da reserva Pataxó. In: Revista de Antropologia, São Paulo, USP, v. 23, p. 19-29, 1980.

BONFIM, A.B. Patxohã, língua de guerreiro: um estudo sobre o processo de retomada da língua Pataxó. Salvador, UFBA, 2012.

CARDOSO, T. Paisagens em Transe: uma etnografia sobre a poética e cosmopolítica dos lugares habitados pelos Pataxó no Monte Pascoal. Florianópolis: Tese de doutorado defendida no Programa de Pós-graduação em Antropologia Social da UFSC, 2016.

CARVALHO, M. Os Pataxó de Barra Velha: seu subsistema econômico. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais, concentração em Antropologia). Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Federal da Bahia, Salvador, 1977.

DIEGUES, Antonio Carlos. O mito moderno da natureza intocada. São Paulo: Hucitec/Nupaub, 2000.

OLIVEIRA, J.P. Uma etnologia dos “índios misturados”? Situação colonial, territorialização e fluxos culturais. Mana 4(1), p.47-78. 1998.